

Seu Último Refúgio

por Paulo Santos Lima

Pobre videocassete. Não há cinéfilo que não lhe crucifique, que deixe de desmascarar as mutilações que seu formato submete aos filmes em película, quase sempre exibidos na imensidão das salas de cinema. Mas o que a maioria esquece é que o tal VCR é a última salvação das obras ditas malditas, injustiçadas ou mesmo desconhecidas do público comedor de pipocas. Se os cineastas do *Dogma*, os independentes norte-americanos (antes de caírem nas garras dos grandes estúdios e da grana fácil) e os iranianos, chineses, neozelandeses, africanos, ou seja, os não-norte-americanos/europeus costumam ter trânsito livre no circuito alternativo de cinemas brasileiros, como o Espaço Unibanco, o mesmo não acontece com obras que saíram da alfândega nacional direto às prateleiras das locadoras. Não quer dizer que todas elas não recebam um desprezo do público.

Independentes injustiçados de hoje

É o caso de *Viagem ao Princípio do Mundo* (1997), de Manoel de Oliveira. Uma locação pode mostrar a beleza deste filme do cineasta português, que, como todos os seus trabalhos, se lança nas memórias (dele, dos personagens, do povo português) para contar histórias intimistas.

Muitos não perceberam a beleza naquelas imagens, que ora mostravam estradas e placas, ora vislumbravam objetos sem o menor apelo imagético para o cinema clássico-glamouroso, como uma estátua feia e deteriorada. Mas é que, para Oliveira, a beleza está naquilo em que cada um se iden-

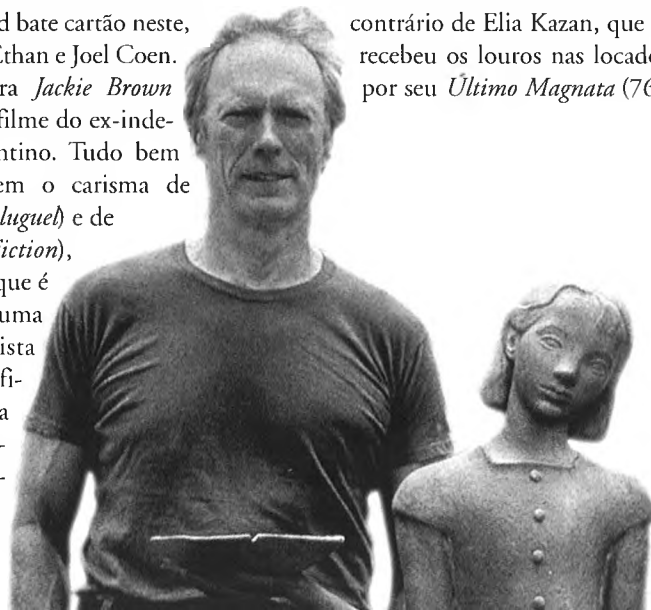
tifica e não propriamente o que o consenso legitima como belo, como essencial. Pessoal, também, é *Miramar* (97) de Julio Bressane. São, aqui, as reflexões sobre um cineasta, o contar como tudo começou, o que o influenciou, como ele vê a arte e aliança entre cinema, literatura, música. Poético, incredivelmente considerado incompreensível pelo público, ele aguentou apenas uma semana no circuito paulistano. Em vídeo, pode ser descoberto, apesar do formato reduzido. Por falar em memórias, alguém se lembra de *Gosto de Sangue?* Pois de *Fargo*, *O Grande Lebowski*, *Na Rodada Fortuna* ou *Arizona Nunca Mais* todos se lembram. Os mesmos irmãos Coen dirigiram e produziram, em 1984, essa homenagem brilhante ao cinema *noir*, contando uma história de traição, assassinato e fracasso. Até a "oscarizada" Frances MacDormand bate cartão neste, que é o melhor filme de Ethan e Joel Coen.

O mesmo vale para *Jackie Brown* (97), o mais injustiçado filme do ex-independente Quentin Tarantino. Tudo bem que Pam Grier não tem o carisma de Harvey Keitel (*Cães de Aluguel*) e de John Travolta (*Pulp Fiction*), mas a simplicidade com que é contada a história de uma aeromoça contrabandista envolvida com um traficante barra-pesada mostra que o diretor amadureceu, abandonou os maneirismos que só foram formidáveis em princí-

pio. Agora, a sutileza, a ênfase nas pessoas comuns fazem o brilho artístico.

Abel Ferrara toca em outro assunto tabu: o vício e a perversão sexual. O público não teve muito estômago para aguentar seu *Vício Frenético*, que não parou nas prateleiras das locadoras apenas na primeira semana de lançamento. O que pesa, aqui, é mais a tortuosidade do destino do personagem de Harvey Keitel do que o explícito.

Injustiça por injustiça, ainda há *A Meia-Noite no Jardim do Bem e do Mal* (97), que até este que vos escreve torceu o nariz numa primeira visão. Clint Eastwood também optou pela sutileza para adaptar uma história que mostra o quão surreais e caricatas são as coisas da vida, a morte, o casamento, o sucesso e a descoberta. Mas este não foi o último filme de Clint. Ao contrário de Elia Kazan, que não recebeu os louros nas locadoras por seu *Último Magnata* (76).



Os independentes de ontem

O filme de Kazan é metalinguagem pura, tratando do (sub) mundo do cinema e contando com atores do cacife de Robert De Niro, Robert Mitchum, Jack Nicholson, Jeanne Moreau, Ray Milland etc. Serve, inclusive, para entender um pouco a atitude de Kazan, que delatou colegas de ofício no terror macarthista, num desses momentos que o gênio abraça a besta.

Outro é o esquecido *Caminhos Perigosos* (74), um Scorsese mais rústico que já denuncia o universo de seus trabalhos posteriores. As atuações de Keitel e De Niro já valem a diária. *Eu Te Amo* (81) é um belo Arnaldo Jabor, que sempre é lembrado por seu *Toda Nudez Será Castigada*. Relativo sucesso nos cinemas, na época, é esquecido nas locadoras (como todo filme brasileiro). A música de Chico Buarque dá ritmo ao triângulo amoroso de Paulo César Pereio, Sônia Braga e Vera Fischer com uma classe rara na história do cinema. Raro também é o primor de *A História de um Soldado* (84), de Norman Jewison. É desses filmes considerados acadêmicos e pouco impactantes por grande parte da crítica. Na verdade, uma obra-prima sobre as investigações da morte de um soldado negro. Um capitão negro é designado a descobrir o assassino e se defronta com um oficial branco. Racismo e crime de mãos dadas como nunca visto nas artes cinematográficas.

Se o negócio é abandonar as sutilezas, há a artística em *O Último Tango em Paris* (74), de Bernardo Bertolucci, e a grosseira em *O Amor e a Fúria* (94), de Lee Tamahori, que atualiza o tem do diretor italiano. O primeiro já é conhecido, porém, mais visto por seu caráter polêmico do que pela poesia com que mostra o jogo conflituoso homem-mulher, com a ampla vantagem de Marlon

Brando. O outro filme é neozelandês e mostra, também, os conflitos entre homem e mulher. Um marido machista espanca a mulher até que ela decide mudar a situação e reencontrar suas raízes aborígenes. Esqueça a busca pelas origens e note a barra pesada do ambiente familiar da periferia da Nova Zelândia.

Cineasta que brilhou na Hollywood rebelde dos anos 70, Bob Rafelson é outro diretor que merece sua filmografia reavaliada em cinemas e locadoras. Até *O Destino Bate à sua Porta*, com Jack Nicholson costuma passar batido pelos olhos dos videotas. *Sangue e Vinho* é outro exemplo, nada grandioso, mas que tem seus momentos primorosos, chefiados pelo mesmo Nicholson. Para não cair na dúvida e seguir com o mesmo ator e diretor, contudo, *Cada um Vive como Quer* (70) é obra elogiada pela crítica, esquecida no fundo das video locadoras. Bom filme esquecido é filme com Kathleen Turner. A charmosa loira tem seu melhor filme nas prateleiras – *Corpos Ardentes* (81), de Lawrence Kasdan –, mas não há nada de errado com *Crimes de Paixão* (84), drama-comédia pseudo-hardcore dirigido por Ken Russell. As cenas de sexo, que podem ser vistas numa íntegra que a TV tratou de mutilar, afastou clientes. Mas é hora de reconhecer as qualidades deste filme que conta também com Anthony Perkins refazendo o voyeurismo do Norman Bates do *Psicose* de Alfred Hitchcock.

Mas nem sempre independência e qualidade caminham juntos

Por falar nisso, ainda é cedo, mas é certo que o *Psicose* de Gus Van Saint seja visto apenas no alvoroço do lançamento. Impossível, para quem alugá-lo, não preferir o clássico de Alfred Hitchcock. Se Hitchcock



foi um gênio que arriscou seu talento contra o conformismo das platéias de seu tempo, Van Saint fez sua coragem ser entendida como arrogância pelos críticos. Foi só um ato de reverência, uma consequência da falta de criatividade da atualidade, que atinge inclusive os detentores do selo independente, tornado-o um rótulo vazio. Quanto às locadoras, se vistas com o mínimo de sensibilidade, podem salvar o cinéfilo do desprazer que ele vem encontrando ao atravessar as catracas dos cinemas.